

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Clarissa De Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



PRÓLOGO

Luciana Martins Dias e Silva

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. E é por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arrobooi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

APRESENTAÇÃO

Clarissa De Franco

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hooks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

CAPÍTULO 2..... 16

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima


Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

CAPÍTULO 3..... 36

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O *FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>


CAPÍTULO 4..... 47

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena


Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

CAPÍTULO 5..... 66

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS


Clarissa De Franco



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

CAPÍTULO 6..... 82

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

CAPÍTULO 7	95
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067	
CAPÍTULO 8	115
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA ¹	
Clarissa De Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068	
SOBRE A ORGANIZADORA	145
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS	146

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez

INTRODUÇÃO

Ainda que alguém pudesse mensurar o valor do dom de qualquer pessoa neste momento, esses valores mudariam; daqui a um século muito possivelmente eles terão mudado por completo. Mais ainda, daqui a cem anos, pensei ao chegar à soleira da minha porta, as mulheres não serão mais o sexo protegido. É lógico que elas farão parte de todas as atividades e dos esforços que um dia lhes foram negados. (WOOLF, 2014, p.60).

Virgínia Woolf, em sua fala apresentada pela primeira vez ao público em 1928 e publicada na obra 'Um teto todo seu', em que tece reflexões e críticas acerca das condições de produção e autonomia de mulheres na escrita e na ficção, pondera sobre os desdobramentos dos papéis relegados às mulheres, ao passo que anuncia e imagina as profundas transformações na tessitura social, de espaços e autonomias possíveis para uma mulher em uma Inglaterra pós-vitoriana.

Woolf (2014) aborda de forma visionária o caráter temporário e cambiante das estruturas sociais e seus valores tidos como eternos e naturais, colocando-os em suspensão e

imaginando desdobramentos revolucionários acerca dos papéis e espaços reservados às mulheres, descrevendo um mundo por vir em que as mulheres estariam em todos os espaços em que até o momento não se encontravam, e essa presença seria uma constatação lógica. A imaginação de Woolf, ao mesmo tempo em que denuncia a condição feminina de segregação de espaços públicos e campos de trabalho, imagina mudanças em curso. Ao retomarmos o que a imaginação de Woolf (2014) produziu quase um século depois - assim como ela imaginou - e nos indagamos: estamos presenciando ou já presenciamos essas transformações? Se não essas, quais?

A pós-modernidade, marcada pela teoria crítica e o pós-estruturalismo, demarca um momento de crítica a pressupostos hegemônicos e totalizantes acerca das estruturas sociais e da produção de conhecimento que atingiu seu auge na década de 1980, acarretando um movimento revisionista massivo de correntes tradicionais da arte, do pensamento e a própria maneira de produzir conhecimento a partir dos ideais iluministas de estética, do racionalismo e do objetivismo. O deslocamento do enfoque para a experiência, o relativismo e as transformações sociais em curso desdobraram-se na contemporaneidade em confluência com em uma crescente visibilidade, disseminação e ramificações do movimento feminista, do

pensamento decolonial, dos movimentos negro e queer. Em suma, a pós-modernidade abriu campo e proveu munição para algumas revisões deflagradas pela constatação de que a produção de conhecimento e teoria disseminada como canônica implicou na marginalização ou rejeição a um status secundário de identidades, pautas, experiências e formas de produzir e conceber o conhecimento.

As transformações em curso, como as testemunhamos coletivamente, têm tido como uma de suas principais pautas a visibilidade historicamente negada de mulheres, negros, populações originárias, homossexuais, transexuais, bem como outras identidades e existências que não correspondem às referências normativas da masculinidade, da heterossexualidade e da branquitude - referências aqui compreendidas como princípios e não necessariamente sujeitos. É possível que não sejamos ainda capazes de afirmar que uma transformação completa existiu tal como Woolf (2014) a imaginou, onde valores e estruturas seriam completamente substituídos sem que os anteriores deixassem vestígios. Contrariamente, testemunhamos a emergência de discursos de transformação social em coexistência com movimentos conservadores materializados de forma mais veemente pela atual ascensão em escala global de governos de extrema direita e de fundamentalismo religioso.

No campo da psicologia e, mais especificamente, psicologia analítica, os revisionismos teóricos abriram espaço para que hoje coexistam discursos que se alinham e destoam no que diz respeito à necessidade de uma atitude de distanciamento crítico da teoria clássica desenvolvida por Jung ao mesmo tempo que mantém uma continuidade e reconhecimento em relação à mesma, atitude esta que caracterizou a produção dos autores denominados por Samuels (2008) como pós junguianos, classificados em escolas distintas: desenvolvimentista, arquetípica e a clássica¹. A conceituação de gênero² e sua distinção do sexo biológico - amplamente debatida em obras seminais como Problemas de gênero (2014), de Judith Butler, inicialmente publicada em 1990 - deflagrou a necessidade de uma dessencialização dos princípios feminino e masculino na psicologia de homens e mulheres desenvolvida por Jung ao longo de sua obra, inicialmente introduzidas em 1928 no texto 'Anima e Animus' presente em O Eu e o Inconsciente (2008) e mais profundamente

1. '1) *A escola clássica*, conscientemente trabalhando seguindo a tradição de Jung. Ênfase que não devemos equalizar clássico com rígido ou emperrado. Seguramente pode existir evolução no clássico. 2) *A escola desenvolvimentista*, que detém um foco específico nos efeitos da infância na evolução da personalidade adulta, e uma ênfase igualmente rigorosa na análise das dinâmicas de transferência-contratransferência no trabalho clínico. [...] 3) *A escola arquetípica* brinca (no seu sentido mais profundo) com e explora as imagens na terapia, respeitando profundamente as imagens tal como se apresentam, sem buscar uma conclusão interpretativa. A noção de *alma* desenvolvida pela escola arquetípica sugere uma profundidade que permite que um mero evento se torne uma experiência significativa.' (SAMUELS, 2008, p.24-25, tradução nossa, grifo do autor)

2. Sobre a definição de gênero, Butler (2014) postula: 'O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a "natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura' (p.27)

apresentadas no texto 'Sizígia: Anima e Animus', publicado inicialmente em 1951 em *Aion: Estudo sobre o simbolismo do si mesmo* (2012).

Apesar de propor noções inovadoras para a época ao atribuir uma feminilidade inerente e inconsciente a ser desenvolvida no homem e uma masculinidade na mulher, Jung fincou as raízes da contrassexualidade no sexo biológico e nos papéis sociais masculinos e femininos, a partir das quais a contrassexualidade só poderia ser experienciada de forma não problemática por meio da relação heterossexual e na correspondência com as determinações sociais de masculinidade e feminilidade. Tal conceituação determinou uma visão particularmente enviesada da psicologia da mulher, passando a ser definida e limitada em oposição e inferioridade à masculinidade por excelência em todos os seus atributos de linearidade, racionalidade, consciência - ou seja, uma personificação da anima e da própria definição de inconsciente - tornando evidente que Jung também foi filho de seu tempo, fortemente marcado pelo contexto social da época, seu próprio gênero e sua visão de mundo.

Alguns autores pós-junguianos - mais detalhadamente apresentados ao longo do presente capítulo - ocuparam-se da revisão da noção arquetípica essencializada da contrassexualidade de anima/animus e da dinâmica psicológica de homens, mulheres e de suas identidades e relações. Em *Jung: A Feminist Revision*, Susan Rowland (2002) inicialmente apresenta Jung em seus aspectos pessoais e como autor teórico localizado em um tempo, cultura e tradição de pensamento; a seguir, apresenta elaborações teóricas posteriores acerca do Sagrado Feminino reprimido no que a autora denominou de Feminismo da Deusa, que coloca em evidência o feminino culturalmente obnubilado ao passo que conserva os pressupostos binários e essencialistas que caracterizam a abordagem clássica dos conceitos de anima e animus. A autora introduz uma perspectiva materialista e histórica para o desenvolvimento da obra de Jung, localizando as definições junguianas clássicas de anima e animus como antecipatórios de uma desconstrução das noções de homem e mulher, bem como da noção de objetividade na produção de conhecimento características da pós-modernidade e, concomitantemente, determinados pela própria subjetividade de Jung - mito pessoal - seu próprio contexto cultural e histórico e a necessidade do desenvolvimento de uma Grande Teoria.

Ao questionar sobre a possibilidade de um feminismo junguiano, Rowland (op. cit.) aproxima a teoria junguiana da pós-modernidade, a partir de uma visão crítica que se propõe a desconstruir e revisar - ao '[...] explorar ecos, correspondências e diferenças entre a obra de Jung e tais áreas pela causa de um feminismo junguiano.' (op. cit., p.97). Destarte, a autora inaugura um campo teoricamente fundamentado para que seja possível pensar sobre o gênero no âmbito da teoria junguiana sem recair no essencialismo, mantendo um concomitante distanciamento crítico sem afastar-se completamente dos seus fundamentos. Para tanto, faz-se necessário lançar mão de uma abordagem transdisciplinar

estabelecendo um diálogo com o feminismo - ou, mais precisamente, os feminismos - em seu desenvolvimento, seus desdobramentos e desafios atuais. Esse constitui o ponto de partida que elegemos para pensar uma desconstrução e revisão crítica a partir de uma atitude pós junguiana da psicologia analítica como campo de produção de conhecimento e de práticas mais alinhadas com pautas atuais e as transformações sociais em curso.

Seguindo a crítica deflagrada por Rowland (2002) de uma integração de uma compreensão histórica e material acerca de como, quando, por quem e para quem o conhecimento e a teoria são desenvolvidos, alinha-se também a noção trazida por Tannen (2007) sobre o campo imaginal particularmente evocado nas produções literárias e culturais feitas por mulheres, especificamente na literatura norte americana de ficção. Aqui tomamos essa perspectiva do campo imaginal também em termos de produção acadêmica e teórica, com o intuito de, concomitantemente, refletir as condições vigentes e reimaginá-las, endereçando as mudanças coletivas de pensamento em curso, bem como ocupando-se de mudanças vindouras.

Tomando como base o questionamento de Tannen (2007) sobre as produções culturais advindas da imaginação de mulheres e o que elas têm a nos contar sobre as estruturas sociais e imaginais em que estamos inseridos e como elas estão mudando ou podem mudar, buscamos trazer a psicologia analítica em um diálogo profícuo com o feminismo e, em particular, os feminismos contemporâneos. As ramificações de um feminismo que inicialmente foi impulsionado por uma definição única de mulher e de suas opressões sugerem que o próprio feminismo como campo teórico encontra-se em constante revisão e complexificação, em que diferentes realidades de mulheres, suas opressões, discursos e pautas ao mesmo tempo complementares e dissonantes se encontram, complementam, dialogam e se desmontam mutuamente.

Retomamos Woolf (2014): 'a ficção, quer dizer, o trabalho imaginativo, não cai como uma pedra no chão, como na ciência; ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos' (p.64). Arriscamo-nos a dizer que a ciência e a teoria em um contexto pós moderno apresentam esse potencial e podem se beneficiar do poder imaginativo ao qual Tannen (2007) e Woolf (op. cit.) similarmente se referem. Ao lidar com a dissolução e suspensão de certezas atemporais característica do distanciamento crítico da atitude pós-moderna e pós-junguiana, a produção de conhecimento abarca a função imaginativa de rever seus preceitos de acordo com as mudanças em curso e, ao mesmo tempo, imaginá-las. Com esse intuito, apresentaremos brevemente a seguir a trajetória histórica do feminismo e suas principais ramificações atuais para, posteriormente, expor alguns autores e obras pós junguianos que se ocuparam de rever e desconstruir as conceituações sobre gênero e sexualidade, bem como a própria maneira com que o conhecimento é produzido.

FEMINISMOS: HISTÓRIA E RAMIFICAÇÕES

Segundo Duarte (2003), o feminismo pode ser compreendido como uma atitude que resulte em protesto contra a opressão e discriminação das mulheres, ao passo que amplia seus direitos civis e políticos.

Trata-se mais de eliminar as desigualdades sociais entre homens e mulheres do que fazer com que as mulheres cheguem onde os homens já estão, ou seja, aquilo que eles são, porque é um erro pensar que a sociedade dos homens permanecerá igual quando a das mulheres mudar. (FERREIRA, 1988, p. 94).

A história do feminismo pode ser dividida em quatro principais ondas: o *feminismo pré-moderno*, com as primeiras manifestações de críticas feministas prévias à consolidação de um movimento e de uma denominação, nos campos filosófico, literário e político; a *primeira onda feminista* com o movimento de mulheres da Revolução Francesa e a busca por direitos cívicos iguais aos dos homens - a destacar, as *suffragettes* e o direito ao voto; a *segunda onda feminista* que desponta no século XIX marcado por movimentos sociais emancipatórios e aparecendo pela primeira vez como movimentos social de âmbito internacional; o *feminismo contemporâneo* ou *terceira onda*, localizado no período entreguerras do século XX em que muitas das demandas de igualdade cívica haviam sido satisfeitas, marcado pelo *slogan* 'o pessoal é político', pela crescente conscientização de mulheres e de suas opressões alavancadas pelas publicações de *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir e a constatação de que "ninguém nasce mulher, torna-se" e Betty Friedan que endereçou pela primeira vez o 'problema sem nome' vivenciado e compartilhado por muitas mulheres em *A Mística Feminina* [1963] (GARCIA, 2015). Ainda que não exista unanimidade entre os autores acerca da denominação de uma quarta onda, no feminismo contemporâneo vemos a constatação da *diferença* - entre os gêneros ou dentro da própria categoria 'mulher - a experiência individual e subjetiva elevando-se ao status de conhecimento político e acadêmico. (TANCETTI; ESTEVES, 2020)

No Brasil, a história do feminismo pode ser dividida em momentos. O primeiro aconteceu no século XIX, quando as mulheres brasileiras reivindicaram o direito de saber ler e escrever. No ano de 1870 as pautas abordadas estavam relacionadas ao direito do voto, à educação superior, à profissionalização feminina e ao trabalho remunerado para as mulheres (DUARTE, 2003). De acordo com Sardenberg e Costa (2012), o feminismo contemporâneo no Brasil surgiu na época da ditadura militar, quando a luta visava à redemocratização do país em oposição à opressão das mulheres. Nos anos 1990, diferentes temáticas se fortalecem dentro do movimento por consequência da diversidade cultural, étnica, racial e social. Assim, tais dimensões permitiram uma maior abertura e heterogeneidade no feminismo, consideradas diante do contexto em que as mulheres estavam inseridas (SARDENBERG; COSTA, 2012).

A partir de uma perspectiva contemporânea, heterogênea e plural do feminismo, Carvajal (2020) propõe uma definição para feminismo:

[...] feminismo é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa da história, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime. (CARVAJAL, 2020, p.195, grifo da autora)

Feminismos Contemporâneos

O feminismo atual, à semelhança com a fragmentação do sujeito e das identidades e estruturas vigentes até então na pós-modernidade, caracterizou-se pela proliferação de narrativas provisionais e experimentais que sustentam múltiplos discursos que se alinham e contrapõem, embasadas pela experiência, subjetividade e performatividade ao invés da determinação de uma Grande Teoria hegemônica no que diz respeito à mulher como categoria de análise em termos de suas experiências de opressão. 'De fato, na pós-modernidade torna-se impossível dizer se a fragmentação ou a incoerência *produz* o pensamento pós-moderno ou *é produzido por ela*'. (ROWLAND, 2002, p.128, tradução nossa, grifo da autora)

Em termos da possibilidade de construção de conhecimento e teoria no campo teórico do feminismo, Harding (2019) refere-se à contradição inerente ao projeto de uma epistemologia feminista que difira da epistemologia canônica da ciência moderna - que se pauta nos pressupostos da Grande Teoria, das dicotomias mutuamente excludentes e no princípio da objetividade absoluta - características de uma consciência patriarcal. A esse respeito, a autora nos alerta:

Todos os feminismos são teorias totalizantes. Como as mulheres e as relações de gênero estão em toda parte, os temas das teorias feministas não podem ser contidos em um esquema disciplinar singular, ou mesmo em um conjunto deles. A "visão de mundo da ciência" também se propõe como uma teoria totalizante - toda e qualquer coisa que valha a pena ser compreendida pode ser explicada ou interpretada com os pressupostos da ciência moderna. Naturalmente, há outro mundo - o das emoções, sentimentos, valores políticos, do inconsciente individual e coletivo, dos eventos sociais e históricos explorados nos romances, no teatro, na poesia, na música e na arte em geral, e o mundo no qual passamos a maior parte de nossas horas de sonho e vigília sob a constante ameaça de reorganização pela racionalidade científica. (HARDING, 2019, p.100)

Partindo desse contexto, apresentaremos brevemente algumas das ramificações e narrativas desenvolvidas nos feminismos contemporâneos, identificando algumas de suas principais características:

- **Feminismo Liberal:** Em defesa da liberdade política e econômica, o feminismo liberal defende a expressão de liberdade sexual, reprodutiva, profissional, entre outras.

As desvantagens não devem ser mediadas pela equidade de gênero e sim pela condição social de cada indivíduo. Por exemplo, se a condição social da mulher a levou a conquistar títulos e experiências importantes para sua profissão, isso deve ser considerado. (CYFER, 2010).

- **Feminismo Marxista:** Discute como a opressão sobre as mulheres está associada diretamente ao capitalismo e suas estruturas políticas, econômicas e privadas (SANTOS; NÓBREGA, 2004). 'Tudo começa com o entendimento de que, como sujeitos primários do trabalho reprodutivo, historicamente e nos dias de hoje, as mulheres dependem do acesso a recursos naturais comuns mais do que homens, são mais prejudicadas por sua privatização e estão mais engajadas em defendê-los'. (FEDERICI, 2019, p. 385).

- **Feminismo Interseccional:** Enfatiza as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Trata como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002).

- **Feminismo radical/RadFem:** a principal causa das desigualdades sociais é o patriarcado e concentram os esforços na busca das explicações sobre as diferenças entre os sexos e a subordinação da mulher, bem como resistem ao Estado e todas as instituições formais por ser de caráter patriarcal. (SILVA, 2008).

- **Feminismo Negro:** Tece uma crítica à categoria mulher como única, de produções e reivindicações comuns e do feminismo como movimento universal e homogêneo. O feminismo negro expõe que a categoria mulher não é universal e homogênea, bem como as pautas defendidas pelo feminismo. Ao referir-se somente às opressões vividas pelas mulheres brancas e europeias, a obliteração da experiência das mulheres negras e as dinâmicas de discriminação racial e sexual, não vivenciadas por mulheres negras, impeliu o feminismo a uma revisão de suas próprias definições e ambições, imprimindo a necessidade de falarmos de feminismos. (GONZALES, 2020).

- **Feminismo decolonial:** Em muitos aspectos alinha-se à crítica feita pelo feminismo negro acerca do feminismo essencialmente branco e europeu, trazendo ênfase e foco para a decolonização do pensamento feminista em relação à referência branca e europeia, canalizando a crítica ao feminismo em necessidade de revisão da tendência civilizatória do feminismo branco em relação às pautas, subjetividades e reivindicações das mulheres não brancas e não europeias. O feminismo decolonial busca compreender e sensibilizar-se para a colonialidade como elemento indissociável da vivência e subjetividade de mulheres não europeias em suas condições de opressão, bem como da produção de pensamento feminista. (VERGÈS, 2020).

- **Ecofeminismo:** Possui três pautas centrais de revisão e desconstrução: 1) Sob o

aspecto econômico, no qual se percebe que a mulher e a natureza são tidas como recursos ilimitados que proporcionam a acumulação do capital. 2) Sob o enfoque político, que identificaria a mulher com a natureza e o homem com a cultura, perpetuando a hierarquização dos segundos (homem e cultura) para legitimar a opressão da mulher e da natureza. 3) A respeito das políticas científicas e tecnológicas do desenvolvimento econômico moderno, argumentando que não há neutralidade em relação ao gênero, além de formar uma visão que exclui as mulheres do campo do conhecimento tido como científico. (SOUZA, 2007)

- **Ciberfeminismo:** Utiliza a figura do ciborgue para aludir a uma '[...] criatura de um mundo pós gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré edípica, com o trabalho não alienado' (HARAWAY, 2019, p.159). O ciberfeminismo, ao mesmo tempo em que endereça profundas transformações de consciência e sociedade decorrentes e alinhadas com as inovações tecnológicas, repensa a humanidade e as estruturas hierárquicas e condições de opressão que organizam as relações e as subjetividades, reimaginando-as a partir de uma figura completamente desvinculada de tais estruturas. (HARAWAY, 2019)

Releituras pós-junguianas e abordagens feministas

Dedicamo-nos aqui a apresentar alguns autores pós junguianos que se propuseram a repensar as conceituações dentro do campo da psicologia analítica acerca de gênero, a partir de uma visão crítica da teoria clássica que encontra ressonância com as revisões das quais os feminismos também têm se ocupados. Para tanto, faz-se necessário partir dos questionamentos que alavancam o trabalho realizado por Tannen (2007) ao traçar uma compreensão sobre quais elementos e condições são necessárias para entendermos uma abordagem ou texto como feminista. A esse respeito, a autora esclarece:

Minha técnica visa uma abordagem feminista de materiais textuais, e tal abordagem feminista pode ser realizada tanto por um homem como por uma mulher. Uma abordagem feminista de um texto [...] necessita de uma contextualização de quem o analisa de acordo com as políticas de determinada localidade, bem como o engajamento explícito com a desconstrução de estruturas de poder falocêntricas explícitas e implícitas que podem ser encontradas no texto. (TANNEN, 2007, p.30-31, tradução nossa).

De acordo com os pressupostos trazidos pela autora, portanto, podemos definir os autores e as revisões aqui referenciadas como concomitantemente pós junguianas e de abordagem feminista, e que contribuíram para abriremos um campo possível entre os desdobramentos do feminismo com as revisões críticas de preceitos teóricos e práticos da psicologia analítica. Como analistas e pensadores, eles produziram um trabalho sobre gênero e sobre o feminino que diverge daqueles que procuram bases definitivas para uma psicologia da mulher. Para Rowland (2002), os desafios à ideia de qualquer mulher escrevendo para todas as mulheres surgiram tanto dentro como fora da atividade feminista,

de forma que não seria possível sustentar uma categoria única e simples de “mulheres”. Diferenças de sexualidade, classe, raça, etnia e localização cultural significam que o feminismo tinha que abordar questões de poder e identidade dentro de suas categorias, como citamos anteriormente neste capítulo. Diante disso, o “feminismo” torna-se “feminismos” e, endossando a mesma terminologia adotada por Rowland (2002), feminismos junguianos.

Qualls-Corbett (1990) questiona os postulados de Jung e seus primeiros seguidores em relação ao que ela chama de natureza feminina. Para a autora, as contribuições de Jung e seus seguidores merecem reconhecimento devido ao caráter inovador diante das crenças da época, porém, partiam de um ponto de vista extremamente patriarcal. Além disso, como já mencionamos anteriormente, aponta que a psique feminina era entendida de acordo com as experiências próprias desses autores, muitas vezes homens, daquilo que Jung chama de anima, ou seja, à imagem e referencial interiores que esses homens tinham da mulher. Assim como Rowland (2002), Qualls-Corbett (1990) também discute como a teoria de Jung é bastante influenciada por seu mito pessoal, ou seja, como os aspectos da anima são indissociáveis tanto da figura do feminino na fantasia de Jung, quanto da figura de feminino da época.

Samuels (1992) ressalta que as diferenças entre os sexos não devem ser ignoradas. A questão para o autor é que, mesmo que as experiências sejam diferentes, existe uma distância muito grande entre assumir essa diferença e afirmar que elas funcionam com uma discrepância psicológica. Ou seja, as vivências são diferentes, mas ambos, homem e mulher, funcionam simbolicamente da mesma maneira, o que não permitiria falar em duas psicologias distintas. A discussão que o autor levanta nos leva a questionar uma feminilidade inata na mulher e a pensar sobre o papel de cada sexo, como, por exemplo, como uma mulher pode expressar sua agressividade em determinada cultura. Assim, a distinção sobre como determinados papéis são expressos em cada cultura poderia ser vista simplesmente como experiência de diferença e não como a constatação da existência de diferenças inatas entre homens e mulheres.

Estou interessado em saber *com que a diferença se parece*, como é a experiência da diferença [...]. Não *o que é* uma mulher, mas *como é* uma mulher. Não a estrutura arquetípica do mundo da mulher, mas a experiência pessoal da mulher no mundo de hoje. Não sobre o *significado* da vida da mulher, mas da *experiência* da sua vida. Cada pessoa permanece como “homem” ou “mulher”, mas o que isso significa para cada uma torna-se imediato e relativo e, assim, capaz de expansão produtiva e desafio cultural. (SAMUELS, 1992, p. 125, grifo do autor)

Para Samuels (1992), a psicologia analítica pós-junguiana tem se dedicado ao feminino de uma maneira diferente aos trabalhos de Jung e seus seguidores quando tratavam da psicologia feminina. O autor discute a omissão reiterada do papel da cultura que prevalece na construção do feminino, causando uma confusão entre o que é considerado

eterno e o que é observado e vivenciado como tal. Ou seja, critica o pensamento junguiano quando afirma que há algo eterno a respeito da mulher, e conseqüentemente que há algo de eterno nos aspectos femininos.

Opondo-se à certeza imperturbável oriunda das noções essencialistas de feminino e masculino como eternos e atemporais, Samuels (op. cit.) destaca a possibilidade da confusão de gênero e a relação com papéis de gênero na vida individual como elementos a serem considerados ao se abordar a construção de identidades. Trata-se de um desenvolvimento criativo e baseado na experiência, por meio do qual as imagens que compõem a feminilidade e a masculinidade continuam existindo, mas são questionadas, experimentadas e, em última instância, transformadas. Desse modo, Samuels enfatiza a importância de manter o debate sobre tais conceituações relativamente em suspenso, considerando a confusão como um antídoto necessário à tradição amplamente configurada pelas certezas referentes ao gênero, que relegaram a dúvida e a abertura para a experiência direta ao rol de elementos indesejados.

A postura crítica de Hillman (1984; 1995) em relação à concepção dos sexos estabelecida por Jung concentra-se na premissa de que a alma não é uma prerrogativa masculina (1984, p. 53), pois o arquétipo não poderia ser limitado à psicologia específica dos homens, dado que os arquétipos transcendem homens e mulheres, suas diferenças biológicas e seus papéis sociais. Hillman (1984;1995) argumenta que a alma não deveria ser condicionada pela tendência de Jung a pensar em opostos. O autor realiza uma revisão sobre alma no contexto da escola pós-junguiana identificada por Samuels (2008) que ele inaugurou: a psicologia arquetípica. Ao tratar a imagem como acessível a todos e, principalmente, distanciar-se dos princípios da dualidade e da tendência à literalização e à interpretação, Hillman (op. cit.) propõe uma conceituação de alma desvinculada de noções essencialistas de papéis de gênero.

Ao desvincular a alma de sua condição de parte inconsciente da personalidade masculina e dos papéis de gênero que tal condição pressupõe, Hillman (1995) possibilitou identificar o desenvolvimento anímico – compreendido como movimento de cultivo da alma, de interiorização, de subjetivação – como parte do desenvolvimento da personalidade tanto de homens e mulheres, em igual medida. Nessa perspectiva, a noção de alma situa-se para além da contrassexualidade e dos relacionamentos amorosos, (que implicam uma necessária erotização da alma), aspectos esses que determinariam um lócus único e definido para o conceito. Ao questionar a unicidade da alma, o autor também coloca em cheque o caráter uno do ego, atribuindo complexidade e multiplicidade à identidade egoica. Tal concepção de desenvolvimento identitário é semelhante à distinção que foi feita entre a identidade sexual, os papéis sociais e a base biológica, dado que tal distinção decorre substancialmente da desvinculação desses conceitos como sinônimos.

Para Rowland (2002) a ideologia patriarcal depende da supressão do feminino como

inferioridade. Portanto, a repressão do inconsciente pelo ego pode se tornar um ingrediente definitivo para todos os tipos de ideias patriarcais. De acordo com a autora, a psicologia arquetípica entende que o crescimento do ego em uma pessoa jovem (de ambos os sexos) é estruturado a partir do herói mitológico, da conquista e da supressão de todo o “outro”. Sob essa perspectiva, o ego em desenvolvimento está particularmente sujeito a suprimir a alma-anima feminina. Ao censurar as pretensões do ego de ser o modo autêntico de subjetividade e por reconhecer a ligação entre o ego-herói e as atitudes sociais patriarcais, para Susan Rowland, a psicologia arquetípica oferece realmente um feminismo junguiano.

De acordo com Young-Eisendrath e Dawson (2002), quando a teoria junguiana conceitua o feminino, o masculino, e o conceito de anima e animus como arquétipos, faz tanto um retrato cultural destes opostos universais quanto uma teoria psicológica de fatores formadores de projeção. Conforme é construída e compreendida a dinâmica projetiva massiva de conteúdos historicamente e socialmente definidos sobre as mulheres, são igualmente percebidas as condições pelas quais tal dinâmica se dá, bem como as dificuldades inerentes no recolhimento de tal projeção que reside na própria tessitura social das culturas patriarcais, e o espaço ocupado pela mulher torna-se, assim, limitado por esses conteúdos. Nesse ponto, o pressuposto - e a necessidade - de projetar o vazio na mulher, para Hillman (1995), configura um elemento importante dessa dinâmica projetiva, visto que a tendência ao esvaziamento da mulher constitui uma das condições necessárias para que esta sirva de tela para projeção.

Tacey (1997) postula que as imagens arquetípicas são profundamente determinadas pela história e por fatores culturais³. O posicionamento de Tacey (1997) é de que o pensamento junguiano progressista é beneficiado pelos estudos de gênero aliados com o materialismo. Por outro lado, para o autor, as obras dedicadas aos estudos sobre os homens precisam de Jung, dado que o materialismo é insuficiente tanto em prover uma justificativa para o envolvimento intenso da psique com o gênero, como em fornecer a energia psíquica necessária para a concretização de mudanças sociais. Para Tacey (1997), o gênero é socialmente reproduzido por meio da ideologia. No entanto, para o autor, a ideologia não é apenas o instrumento das forças materialistas, como também possui uma base arquetípica. Tacey manifesta seu apoio aos objetivos sociais do feminismo e considera que o projeto político está longe de ser completo.

Em termos junguianos, Tacey (1997) compreende o feminismo como a necessária e longamente esperada ascensão do “princípio feminino” após séculos de repressão e rebaixamento. De acordo com o autor, a tarefa para os homens seria a de reconhecer sua dor psicológica na medida em que há uma perda das fantasias do patriarcado. Para Rowland (2002), o trabalho de Tacey é como uma contribuição estimulante ao feminismo

3. ver mais em: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. Manual de Cambridge para estudos Junguianos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

TACEY, David. Remaking man: Jung Spirituality and Social Change. Londres: Routledge, 1997.

junguiano, apesar de - e devido ao - seu foco na masculinidade. Pois, para a autora, uma teorização junguiana da masculinidade destinada a promover as lutas sociais do feminismo é, em si, uma atividade feminista.

Em uma abordagem mais recente e mais consoante com os feminismos contemporâneos, Tannen (2007) busca se desvincular dos princípios de masculinidade e feminilidade e das dinâmicas projetivas que embasam as tais noções ao debruçar-se sobre as produções das mulheres no gênero literário para, então, indagar-se sobre o campo imaginal das mulheres, localizando-a em termos de diferença ao invés de adotar uma atitude comparativa com as produções masculinas. Para tanto, adota o termo 'virginal' para referir-se não à castidade ou à pureza, mas à imaginação da mulher por si própria, sem ser esvaziada e preenchida com conteúdos do imaginário masculino.

Em outras palavras, Tannen (2007) procura compreender o que as mulheres têm produzido e o que isso nos conta sobre o que a imaginação de mulheres, que escrevem sobre mulheres, dotadas da intencionalidade de retratar e colocar à luz outras experiências e realidades femininas que não necessariamente reproduzem os papéis e princípios a elas atribuídas. Tannen também adota uma abordagem pós moderna e feminista ao incluir mulheres negras, de populações originárias e não heterossexuais em sua pesquisa, atribuindo a elas a função de Trickster de uma sociedade em transformação, cuja mudança depende de trazermos à luz um campo imaginal que só poderia ser constituído por mulheres com intenção, autoridade e autonomia física e psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E NOVOS DESPONTES

As exposições anteriores acerca dos feminismos, da psicologia analítica e dos desdobramentos e revisões pós-junguianas acerca de gênero nos levam a compreender que existe concomitantemente um campo de diálogo transdisciplinar possível e necessário, ao passo que o diálogo e as revisões nos levam a coexistência de narrativas que se interpolam, colidem e se transformam em sua interação. A necessidade de incluir narrativas obnubiladas e aplainadas pelo feminismo em suas primeiras organizações como movimento político, social e acadêmico, fez com que o feminismo e a denominação mulher precisasse ser revista, complexificada, passando a adentrar um terreno pós moderno prismático e repleto de instabilidades. O mesmo pode ser dito para a psicologia analítica, para os conceitos arquetípicos de anima/us e os desdobramentos pós junguianos que se seguiram, que em grande parte buscaram dialogar com as ramificações e as inclusões que compõem os feminismos em suas diferentes pautas e abordagens.

O presente capítulo buscou trazer um apanhado histórico e estabelecer diálogo entre reformulações teóricas confluentes em um contexto contemporâneo que nos pede reformulações a partir de uma abordagem crítica e transdisciplinar, flexibilizando as

fronteiras do conhecimento. Não buscamos aqui retirar a psicologia analítica do terreno de instabilidade que tal revisão acarreta, mas compreender a instabilidade em sua potencialidade criativa e imaginativa. Faz-se necessário, de acordo com as revisões que abarcam a nossa compreensão de conhecimento e teoria, ampliar a busca para o que está atualmente sendo produzido dentro e fora do âmbito acadêmico, principalmente no que diz respeito ao nosso contexto brasileiro.

Algumas produções acadêmicas mais recentes⁴ endereçam tais necessidades, ampliando o diálogo interseccional e transdisciplinar, as experiências que retratam, as denúncias que explicitam e, ao mesmo tempo, quais caminhos possíveis estão sendo imaginados. Aqui, buscamos contribuir para a disseminação dessas produções e para alimentar o campo imaginal que busca desenvolver novos caminhos teóricos e novos diálogos para a psicologia analítica sem, tampouco, a pretensão de encerrarmos o trabalho de revisão do arcabouço teórico que embasa nossa prática e nossa produção de conhecimento. Buscamos inspiração novamente em Woolf (2014) ao aplicarmos o exercício imaginativo da indagação: que mundos de conhecimentos e práticas na psicologia analítica imaginamos para os próximos cem anos?

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo; **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CYFER, Ingrid. Liberalismo e Feminismo: Igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 135-146, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/09.pdf> Acesso em 29 jul. 2021.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

4. Ver: Ana Lia B. Aufranc (2018); Helena Bassil-Morozow (2018); Fanny Brewster (2019); Clarissa de Franco e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (2019); Leslie Gardner e Frances Gray (ed.) (2017); Luna Gimenez (2018); Sharon R. Green (2010); Raul Alves Barreto Lima (2019); Michal A. Marsman (2017); Susan McKenzie (2006; 2010); Barbara Tancetti (2018); Barbara Tancetti e Jessica Harumi Esteves (2020); Liliانا Liviano Wahba (2016).

FERREIRA, Virgínia. O Feminismo na pós-modernidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 24, mar. 1988. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10822/1/Feminismo%20na%20P%C3%B3s-modernidade.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.), **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HILLMAN, James. **O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Anima: Anatomia de uma noção personificada**. São Paulo: Cultrix, 1995).

JUNG, Carl Gustav. Anima e animus. In: JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. O.C. 7/2. Petrópolis: Vozes, 1928/2008.

_____. Sizígia: Anima e animus. In: JUNG, C. G. **Aion: Estudo sobre o simbolismo do Si-Mesmo**. O.C. 9/2. Petrópolis: Vozes, 1951/2012.

LIMA, G. S. Bianca e CRUZ, S. Maria Helena. **Notas sobre o feminismo e gênero: compreendendo a relação das categorias com as políticas públicas no Brasil**. Revista Em Pauta, Rio de Janeiro, 2021 - n. 47, v. 19, p. 265 - 279

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. São Paulo: Paulus, 1990.

ROWLAND, Susan. **Jung: A Feminist Revision**. Cambridge: Polity, 2002.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. **Psique plural: personalidade, moralidade e o pai**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. New Developments in the Post-Jungian Field. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, v. 26, p.19-30, 2008.

SANTOS, Elisabete; NÓBREGA, Lígia. Ensaio sobre o feminismo marxista socialista. MNME - **Revista de Humanidades**. V. 05. N. 11, jul./set. de 2004. - Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/225>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice Alcantara. **Feminismos no Brasil: enunciando e canalizando demandas das mulheres em sua diversidade**. Labrys, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/cecilia.htm>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SILVA, Elisabete Rodrigues da. Feminismo radical - Pensamento e movimento. **Revista Travessias**. V.2, n.3, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107/2445>. Acesso em: 29 jul. 2021).

SOUZA, Iriê Prado de. Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade. In: **VI SEPECH - Seminários de Pesquisa em Ciências Humanas**, 2007, Londrina: Editora da UEL, 2007. v. 1. p. 88-88.

TACEY, David. **Remaking man: Jung Spirituality and Social Change**. Londres: Routledge, 1997.

TANNEN, Ricki Stefanie. **The Female Trickster: The Mask that Reveals**. New York: Routledge, 2007.

TANCETTI, Barbara; ESTEVES, Jéssica Harumi. O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. v.38-2, p.49-62, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE